

XXIX Encontro Anual da ANPOCS, 25 a 29 de outubro de 2005

GT – Pessoa, família e ethos religioso
Coordenadores: Luiz Fernando Dias Duarte
Patrícia Birman
Carlos Alberto Steil

Religião e família na vida de ex-policiais internos no sistema penitenciário

Edileuza Santana Lobo

Primeira versão do texto

Religião e família na vida de ex-policiais internos no sistema penitenciário

1. Introdução

Este texto é uma primeira elaboração de uma pesquisa recente que venho desenvolvendo sobre um grupo de internos do sistema penitenciário do Rio de Janeiro, que cumpre pena no presídio Pedrolino de Oliveira, situado no complexo Frei Caneca. A principal diferença no coletivo deste presídio em relação às outras unidades prisionais no Rio de Janeiro, é que trata-se de indivíduos já pertenceram a categorias profissionais do funcionalismo do Estado, e hoje, condenados à prisão por crimes cometidos enquanto profissionais da área de segurança pública perderam suas funções trabalhistas e foram desligados dos quadros do funcionalismo público. Encontram-se neste presídio, ex-policiais militares, ex-policiais civis, ex-agentes penitenciários, ex-guardas municipais, ex-bombeiros.

Este universo de ex-funcionários públicos e agora presidiários é composto de 163 internos¹, dos quais 76% pertenciam aos quadros da Polícia Militar. Esta pesquisa enfatiza um grupo de internos que na prisão, estão buscando novas alternativas para suas vidas, na medida em que também estão tentando constituir novas identidades baseadas em valores religiosos e familiares, procurando dessa forma, se afastar dos valores e representações cultivados enquanto policiais. O ponto de partida é a conversão religiosas às igrejas evangélicas dentro da prisão. Através dos relatos dos internos entrevistados até o momento, e observação participante em visitas semanais ao presídio, tentarei compreender como estes homens tentam reconstruir suas vidas a partir de referenciais religiosos e familiares? Como a crença é vivida no cotidiano da prisão? Como se dão as relações com a comunidade de fiéis e com os demais internos que não participam da crença religiosa?. Que significado na vida destes homens a religião imprime? Como se dá a construção de suas identidades como nascidos de novo?

Não sei se conseguirei responder todas estas questões ao longo deste texto, uma vez que a pesquisa ainda está no início. De qualquer forma as questões estão colocadas e servirão para nortear este trabalho na tentativa respondê-las. E mais, outras questões surgirão com certeza vindas de outros interlocutores e pesquisadores mais experientes nessa oportunidade impar para o pesquisador que é o encontro anual da ANPOCS.

2. Inserção no campo

Minha inserção no campo se dá através da atividade de magistério que exerço no Presídio Pedrolino de Oliveira, onde possui um anexo do Colégio Estadual Mário Quintana cuja sede fica na Penitenciária Lemos de Brito.

O trajeto que liga a entrada do Complexo Frei Caneca ao PO não é dos mais agradáveis. Este presídio fica localizado na última galeria do Presídio Milton Dias Moreira, porém, muros altos separam um presídio do outro. Para se chegar lá, é necessário atravessar um campo aberto cuja extensão seria mais ou menos dois campos de futebol. Nessa travessia, temos à direita o Presídio Milton Dias Moreira, hoje ocupado pela facção Comando Vermelho, à direita um muro muito alto que separa o campo do Manicômio Judiciário Heitor Carrilho, ao fundo, por trás do Pedrolino de Oliveira avista-se a Favela do Zinco, pertencente ao Morro de São Carlos, ocupada pela facção Amigo dos Amigos.² Muitas vezes, ao longo desse trajeto cumprido semanalmente, grupos de presidiários estão tomando banho de sol ou jogando futebol. Não foram poucas as vezes, em que pensei se neste caminho não estaria me expondo à perigos, não pela proximidade com os presos, mas, se a proximidade de grupos diferentes, (comando vermelho e ex-policiais) não poderia gerar uma situação de conflito. Nas outras unidades em que trabalho não existe esta preocupação.

Chegando ao presídio, passa-se pela portaria, que dependendo do guarda que está de plantão anota seu nome ou manda passar direto. Chega-se então as instalações da escola, que é composta de cinco salas no pavilhão térreo, três salas de aula, uma sala de informática e uma biblioteca. O espaço da escola é considerado neutro e os professores são respeitados tanto pelos alunos quanto pelo restante do coletivo. Não são poucas as vezes que se ouve comentários daqueles internos demonstrando reconhecimento pelo esforço dos professores em chegar até eles, “quando poderiam estar fazendo coisas mais agradáveis”.

Na escola deste presídio é oferecido o ensino médio e curso de informática. Além disso, os internos não tem acesso a nenhum outro tipo de atividade, seja de estudos ou trabalho. A maioria fica numa ociosidade forçada e reclama a falta de cursos ou oficinas de trabalho que possam proporcionar o aprendizado de uma profissão.

Além da escola, outro espaço neutro na prisão é o da igreja. Os evangélicos constituem o grupo majoritário. Existe um templo evangélico no interior do presídio que é utilizado alternadamente pelas diversas igrejas evangélicas que visitam o presídio semanalmente.

Esta pesquisa, embora ainda esteja no início, está se desenvolvendo numa relação de confiança entre pesquisador e pesquisado, cujo ambiente favorável foi proporcionado pela atividade escolar. Vale ressaltar que nem todos os entrevistados são ou foram alunos, mas os contatos foram estabelecidos a partir deles.

Nas visitas semanais àquela unidade por conta das aulas, me chamou atenção a especificidade daquele presídio composto de indivíduos que mesmo presos se consideram diferentes da “massa carcerária”, declaram que embora reconheçam que perante a sociedade são bandidos e tenham consciência que não vão mais exercer a profissão, afirmam que, são policiais que estão presos. Dizem que “ser policial está no sangue”, se definem como “policiais presos”. Fazem questão de se distinguir da categoria “presidiários”.

A identidade policial é perceptível no comportamento destes presos. O *habitus* incorporado na função policial ainda continua presente mesmo com a perda do capital social que a profissão representa.

Percebo nos alunos, comparando com a outra unidade onde trabalho, que são mais sérios e formais. Nota-se uma preocupação em controlar as opiniões ou fazer alguma brincadeira, que venha a ser interpretada como falta de respeito com os professores. Como exemplo cito um fato ocorrido no início deste ano durante uma aula de história, um aluno fez um comentário sobre o tema que estava sendo debatido, que poderia dar margem a dupla interpretação. Não dei importância nenhuma e nem lembraria do ocorrido se na aula seguinte este mesmo aluno não viesse me pedir desculpas pela brincadeira dizendo que isso não aconteceria mais. No mesmo dia, o agente penitenciário que na escola ocupa a função de “chefe da educação” veio me perguntar se foi comigo que havia acontecido o “problema”. Disse que o aluno havia sido repreendido severamente e que não se admite falta de respeito, que naquela escola, professor é sagrado. Fiquei perplexa com a situação, já que na minha interpretação não houve falta de respeito. Isto me fez lembrar o alerta de Geertz (2000:88) sobre o pesquisador não se deixar levar pela empatia interna com seus informantes e sim procurar compreender por que agem daquela forma. Este episódio serviu para pensar a complexidade deste campo e perceber como a vigilância exercida

mutuamente demonstra aspectos da identidade policial presente no comportamento daqueles homens.

3. A conversão na prisão e o “crente raimundo”

Nas entrevistas que realizei até o momento, os entrevistados haviam pertencido aos quadros da Polícia Militar, este dado, não foi critério para a escolha do entrevistado mas se revelou pela superioridade numérica de ex-policiais militares entre os internos deste presídio. O critério que utilizei foi o do pertencimento a “comunidade de irmãos”, aqueles que estavam vinculados as igrejas evangélicas pentecostais.

Pelas informações dos entrevistados, quanto a posição que ocupavam no quadro profissional de suas corporações, disseram que a maioria é composta de ex-soldados e cabos, oriundos de famílias muito pobres. A maioria se tornou policial por falta de perspectiva de trabalho, estavam desempregados e pertencer aos quadros da PM. representava estabilidade de emprego.

Como acontece em todos os presídios e penitenciárias do Rio de Janeiro e provavelmente de outros estados também, os evangélicos tem visibilidade, nota-se logo a presença deles quando se chega ao presídio, seja na forma de falar, de vestir ou por estarem portando uma Bíblia de um lado para outro, além disso estão sempre envolvidos em alguma atividade da igreja. Um interno de 38 anos que entrevistei disse :”*sempre que tenho oportunidade eu falo de Cristo, hoje não tenho mais vergonha de andar com a Bíblia, tenho orgulho de andar com a Bíblia. Todo lugar que eu vou eu levo a minha Bíblia*”. Embora neste presídio não haja “regime de tranca”, ou seja, os presos não ficam trancados em celas ou galerias, transitam livremente pelo espaço da cadeia, não existe muitos lugares para se ir, andar com a bíblia significa também estar em alerta para aproveitar qualquer oportunidade para evangelização que poderá surgir e quem sabe até conferir um símbolo de distinção.

Dos entrevistados, alguns revelaram que se converteram antes da prisão, outros “conheceram Jesus no cárcere”. Dentre aqueles que já eram “crentes”, revelaram que era um ser crente superficial, não haviam tido ainda experiência com Deus ou interpretaram os acontecimentos de suas vidas como “a mão de Deus atuando” para que ele despertasse sobre os caminhos que estava escolhendo, que não era da vontade de Deus. Nesse caso,

aparece a categoria de “crente raimundo”, aquele que tem um pé na igreja e outro no mundo, como declarou um entrevistado de 42 anos: *“na época eu era crente raimundo, dava dízimo, oferta, freqüentava a igreja, fazia caridade, era um tipo de indulgência, achava que dando dinheiro poderia ficar com a consciência tranqüila”* Outro entrevistado de revelou que já era crente antes de entrar para PM, que freqüentava a igreja depois se desviou, que na prisão, depois de muito relutar, pois estava com o coração endurecido, reencontrou Jesus. Para estes, a cadeia representou a oportunidade de repensar suas vidas de cristãos, atribuindo os desvios de conduta conseqüência dos desvios dos “caminhos do senhor”. Rita Segato (2001:140) classifica as religiões em dois grupos, as de “superioridade moral” e as “trágicas”. Destas últimas, a autora cita o candomblé, que coloca um conhecimento mitológico ao alcance das pessoas e lhes permite se situar no mundo e elaborar um discurso estruturado de enfrentamento da presença do mal. Enquanto aquelas de “superioridade moral” presente na religião cristã, possibilita o acesso ao bem e, desta forma, afirma a autora, *“as religiões de “superioridade moral” entram nos presídios e monopolizam o discursos que permitem a redenção”*

Outro caso que vale destacar aqui, sugerido nas palavras do meu entrevistado de 40 anos, quando conta que se converteu antes de ser preso e relaciona sua conversão com o crime, crime este, provavelmente em conseqüência de opção religiosa errada e que ele não teve nem oportunidade de escolha, já que durante muito tempo seguiu esta religião “do mal”, por influência familiar, como revela suas palavras.

“Minha conversão tem a ver com o crime. Por tradição familiar era espírita, embora não gostasse do espiritismo, fui levado pela minha mãe, que era aquela espécie de matriarca da família ela era iniciada no Candomblé. (...)Um dia sem mais nem menos, eu parei de ir ao Centro. De repente aquilo me trouxe repulsa. O motivo foi uma gota de azeite de dendê que pingou na minha calça, me deu uma aversão profunda. Eu já tinha raspado a cabeça, já tinha ficado 30 dias num quarto fechado comendo porcarias. De repente, uma simples gota na minha calça, provocou toda aquela aversão, já era Deus atuando na minha vida”

Um dia eu fui num culto na PM mas naquele dia não houve culto. Eu estava lá sentado, esperando, de repente eu comecei a chorar. Era como se eu tivesse me vendo em outra pessoa. Não conseguia controlar a emoção. Minha mente estava inteira, clara. Chorei durante 4 horas sem conseguir parar. Meu colega me abraçou e disse que era o Espírito Santo me lavando. Mesmo quando eu estava no espiritismo eu entendia que estava servindo a Deus, que estava agindo certo quando matava. Ganhei uma Bíblia e ninguém me ensinou a ler, não me disseram que eu tinha que começar pelo novo testamento. Eu comecei a ler pelo início, aquelas partes de

sacrifício, de holocausto, a mente foi ficando perturbada, achava aquilo tudo muito parecido com o que já vivia.

O que me levou a fazer justiça com as próprias mãos foi ver o companheiro ser assassinado só pelo fato de ser policial militar. Daí em diante, qualquer meliante que encontrava, achava que tinha que morrer. Eu não os via como pessoa, achava que eram o mal da sociedade e eu era o braço da lei. No mesmo dia disse para Deus que não queria mais levar aquela vida que estava levando. Você é usado pela sociedade, sofre pressão da polícia, você é um “cara bom”, que mata, dá tiro, arruma dinheiro, isso acaba influenciando. Tudo aquilo somado ao desejo de vingança pela morte do companheiro, você vai perdendo o limite. Matar vicia, como cigarro, bebida, mulher. Tudo é motivo para tirar a vida”

Vale ressaltar que este forte depoimento não é um caso isolado, específico deste entrevistado, as situações variam, no entanto é recorrente a expressão “perdi os limites” “extrapolei” “de um rapaz normal me tornei um monstrinho” quando se referem ao trabalho que executavam na PM. Não pretendo aqui aprofundar a questão das ações arbitrárias das nossas polícias. Este tema tem sido explorado por Jaqueline Muniz (2001) que pesquisou a identidade das policias militares, que demonstra que, em quase dois séculos de existência e guardadas as devidas proporções em cada estado brasileiro a Polícia Militar pouco funcionou como organizações policiais propriamente ditas. Segundo a autora, a atuação da corporação militar se deu, com fins à segurança interna e defesa nacional, enquanto sua função policial de segurança pública ficou para segundo plano. Esse aspecto somado a falta de formação das polícias no sentido de serem preparados para atuar na defesa e proteção da sociedade possibilitou o crescimento da corrupção e das ações arbitrárias que se percebe nas instituições policiais.

O mesmo entrevistado continua falando do seu processo de conversão:

“Resolvi assumir a condição de cristão e, a partir daí abandonei todas aquelas práticas, encontrei uma razão para viver. Disse para mim mesmo: Eu aposto a minha vida nisso, eu morro por isso. Na época eu ainda era meio ignorante, quando cheguei em casa disse para minha esposa. Eu agora vou ser crente e você também tem que ser crente.[...] na polícia todos me apoiaram, eu estava numa velocidade tão alta que os colegas acharam uma boa opção eu me tornar crente” .

Após a conversão comecei a ter sentimentos de culpa, não tinha como restituir tudo aquilo que fiz, as vidas que tirei. Tudo isso me marcou muito e eu não tinha como desabafar . Certa ocasião, eu ouvi uma irmã dizer

que não acreditava que uma pessoa que assalta, mata depois diz que se converteu . Ouvia esses comentários, as pessoas na igreja não acreditavam em mudança. Tudo isso me deixava muito agoniado.

Uma passagem da Bíblia me marcou muito, “errais por não conhecer as escrituras e o poder de Deus”, se eu tivesse este conhecimento antes, muita coisa não teria acontecido. A partir daí me dediquei a estudar as escrituras. Depois que me batizei, resolvi também acertar minha situação com a minha esposa, nós morávamos juntos mas não éramos casados, então nos casamos.

A maior parte dos internos evangélicos que entrevistei, são seguidores das igrejas pentecostais Assembléia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus. No caso deste entrevistado, é membro da Igreja Batista do ramo histórico tradicional, na qual, a construção identitária do fiel alia, formação teológica à formação do caráter (Mafra, 2001) ou seja, a igreja possui uma estrutura escolar voltada para o ensino da bíblia, por faixa etária, visando desenvolver princípios morais voltados para a valorização da família, o crescimento espiritual, tendo por base o aprendizado dos textos bíblicos, como “princípio de fé e prática”. O crente passa por um processo de individualização e interiorização das práticas religiosas(Birman,1997)

Este interno disse ainda que quando foi preso já estava fortalecido na fé.

“Ao mesmo tempo que não queria ser preso, tinha um sentimento de culpa e queria pagar. É triste você abrir o evangelho e ver que errou e errou muito. Eu vivia em conflito, eu tinha que pagar, mas, e o sacrifício de Cristo por mim? As coisas não se encaixavam. Na prisão eu mergulhei dentro de mim, comecei a melhorar como pai, como marido, como pessoa. Houve uma mudança radical na minha relação familiar. Li muitos livros de psicologia, de psicólogos cristãos. Pude me conhecer e conhecer mais o outro. Aprendi a compreender mais minha esposa. Mesmo que a sociedade me veja como uma aberração, como monstro, minha preocupação é que meu filho e minha esposa me vejam como homem de Deus, eles sabem de tudo, eu não escondo nada deles. Isso só foi possível através da Bíblia. Me deu vontade de viver. Meu objetivo é usar essa experiência para alertar outras pessoas a não cometer os erros que cometi. Eu não posso restituir aquelas vidas que tirei, mas posso evitar que outras sejam ceifadas.

4. A comunidade de irmãos: ser crente na prisão

Como acontece em outros presídios e penitenciárias do Rio de Janeiro, a presença de pentecostais é expressiva e, naquela unidade prisional, os crentes ultrapassam 50% do coletivo. Segundo informações dos próprios detentos, nos finais de semana o templo evangélico comporta mais de 70 pessoas. Nestas ocasiões, familiares dos presos também freqüentam os cultos. A igreja possui um líder interno que administra as atividades diárias da igreja da sua responsabilidade como “dirigente da congregação”.

“Cuido do rebanho do senhor, estou no segundo ano com esta atividade, o senhor me deu esta responsabilidade. Ser líder de um povo como esse é ruim, são pessoas que um dia acharam que tinham autoridade lá fora. Tem pessoas que não aprenderam a ser submisso, a obedecer.” (12/07/2005)

Outro entrevistado contou como ocupa seu tempo na prisão: *“Freqüento a Assembléia de Deus nas reuniões de sábado, domingo e terça. Na quarta-feira tem curso de Teologia, quinta-feira tem estudo de doutrinas e sexta-feira estudo bíblico”*.

Disse ainda que a igreja faz um trabalho social e que ele procura ver quem não tem visita, quem está precisando de um sabão em pó, pasta de dente, sabonete ou papel higiênico. A distribuição de “kits higiene” pelos evangélicos é comum nas unidades prisionais do Rio de Janeiro. Este entrevistado além das atividades exercidas na igreja, é aluno do 3º ano do ensino médio e todas as manhãs freqüenta as aulas.

Em muitos casos, principalmente entre os presidiários a conversão religiosa pode ser entendida como a busca de solução para uma situação desestruturante da pessoa. (Bittencourt, 2003:266) É interessante perceber, até que ponto a assimilação da crença religiosa no contexto prisional, pode contribuir para a reconstrução identitária destes internos ex-policiais. Como os referenciais religiosos e familiares produzem novos significados. A idéia de reconstrução de vidas, passa pelo desejo de passar no vestibular ou conquistar um emprego “seguro” através de concurso público. No universo prisional, marcado pela falta de perspectivas para aqueles que estão submetidos ao sistema penitenciário, talvez o único movimento no sentido de “dar a volta por cima” se articula em torno de religião, escola e família.

Outras atividades religiosas como católicos e espíritas naquela unidade são praticamente inexistentes, isto não quer dizer que não existam fiéis destas confissões. Atualmente, um grupo interessado na religião muçulmana está se articulando para reivindicar assistência religiosa no presídio. Um interno que se diz convertido ao Islam, revelou que fez um levantamento de interessados em reuniões deste grupo e listou 20 simpatizantes que desejariam freqüentar reuniões desta religião.

5. O preso e sua família

Segundo depoimento de vários internos, a condenação a prisão não é uma condenação individual, toda a família é penalizada. Com a prisão do marido, a mulher passa a ser o homem da casa, nas palavras deles. O policial quando preso e condenado perde sua função profissional, salário, tempo, respeito e credibilidade. Consequentemente, em muitos casos a relação com a família fica deteriorada, em outros passa a existir um fortalecimento dos laços familiares. Como fica a relação na esfera privada com a família e a corrupção moral exposta?

Hassen (2001) demonstra o reflexo da condição de aprisionamento na vida da companheira. A autora revela que, “enquanto a vida social de um é suspensa, a de outro se vê sobrecarregada de novas atribuições, papéis que deverá assumir na falta do parceiro ausente No sentido prático da sobrevivência, a mulher é atingida pela pena do homem mais do que ele próprio, sobretudo se na união ele assumia encargos na manutenção econômica e na condução de assuntos familiares”

Além disso, a dificuldade para se visitar o familiar preso, as filas intermináveis nas portas dos presídios, as revistas vexatórias principalmente para as mulheres, o desrespeito por parte dos funcionários para com o familiar do preso, faz com que o drama da prisão, recaia de forma drástica sobre a família e é compreensível até para os próprios presos, quando elas desistem de visitar seu parente. Quando o que acontece é o contrário, a presença da família é constante mesmo com todas as dificuldades, a família passa a importância fundamental na vida do interno, principalmente quando este se conscientiza, que enquanto vivia em liberdade, principalmente os policiais, não dava tanto valor assim para sua família. Daí, a valorização que a família tem para os presos. Como declarou um entrevistado de 38 anos.

“A família é uma motivação a mais para você superar o dia a dia. No cárcere, a cada dia você mata um leão. A família vem visitá-lo com dificuldade mas vem com amor, traz um alimento diferente. É uma esperança para você refazer sua vida. A sociedade vai te condenar porque você é um ex-presidiário, mas quando você tem Cristo em primeiro lugar e a família, você tem tudo. Você é um cara decente, você precisa dar um pouco de paz para sua família. Durante um tempo, eu achei que estava tudo acabado que era o fim, hoje eu sei que é o recomeço.”

O mesmo interno revelou ainda que a família se sente tranqüila sabendo que ele está “servindo a Cristo no cárcere”, que sua família sempre esteve próxima, acompanhou todo o processo. Quando ele chegou à prisão estava desviado da igreja, “tinha pessoas esperando para criar problemas, a família ficava preocupada, sofria”

É notório e conhecido por todos que nas prisões modo geral, a família está na dimensão do sagrado. Em dias de visita, o preso que não é visitado por seus familiares, tem que se manter isolado no seu canto até que as visitas do colega vá embora. Se acontecer de passar perto dos familiares de qualquer preso, este é obrigado a baixar a cabeça, exceto quando é convidado para participar de alguma conversa com o companheiro e seus familiares. São códigos internos estabelecido entre os presos e pune severamente qualquer desvio de conduta.

Dessa forma, quando dentro da prisão o interno se converte e passa a fazer parte do grupo de “irmãos”, isto é visto de forma positiva pelos familiares, mesmo quando estes não participam da mesma religião. Este trabalho tenta compreender o significado da religião e da família na vida destes homens, as possíveis rupturas, os novos valores assimilados e as mudanças no padrão de comportamento, na construção de sua identidade como “nascidos de novo”.

Bibliografia

BIRMAN, Patricia. “Males e Malefícios no Discurso Neopentecostal” in: *O Mal à Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1997

BITTENCOURT, Lígia. “Escravos de Deus: algumas considerações sobre toxicomania e religião evangélica” in: *Drogas e pós-modernidade faces de um tema proscrito*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2003

GEERTZ, Clifford. (2000) *O Saber Local*: Petrópolis, RJ Ed. Vozes

HASSEN, Maria de Nazareth Agra. “Da visita íntima na prisão: a incorporalidade negociada”. In: *Corpo de Significado: Ensaio de Antropologia Social* in: Leal 2001. *Corpo de Significado*. Rio Grande do Sul: Ed. Da Universidade/UFRGS, 2001

MAFRA, Clara. (2001) *Os Evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

MUNIZ, Jaqueline. “A Crise de Identidade das Policia Militares Brasileiras: Dilemas e Paradoxos da Formação Educacional” in: *Security and Defense Studies Review* Vol.1 Winter 2001. Pg. 177-197

SEGATO, Rita. “Religião, Vida Carcerária e Direitos Humanos” in: NOVAES, Regina (org.) *Direitos Humanos: temas e perspectivas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001

¹ Dados obtidos na própria unidade em agosto de 2005. Os internos do Presídio Pedrolino de Oliveira são oriundos das seguintes instituições: 124 Polícia Militar, 07 Polícia Civil, 01 Polícia Ferroviária, 15 Corpo de Bombeiros, 11 agentes penitenciários, 04 Guarda Municipal, 01 Fuzileiro Naval.

² Em artigo publicado “Quem Vigia os Vigilantes” Cesar Caldeira demonstra a vulnerabilidade do Complexo Frei Caneca, onde traficantes com fuzis vigiam aquelas unidades prisionais. Segundo o autor, as guaritas do Presídio Pedrolino de Oliveira permanecem desguarnecidas de policiamento à noite e, à proximidade com a favela já proporcionou situações de resgate de presos por traficantes a partir desta Guarita. *Revista Insight Inteligência*, Ano VII – Nº 28 – 1º Trimestre – Março de 2005.